



NOTÍCIAS DE "VICENTE SÓ"

BRUSQUE - ONTEM E HOJE



ANO III

Nº. 10

EDIÇÃO DA

SOCIEDADE AMIGOS DE BRUSQUE

Sociedade Amigos de Brusque

Fundada a 4 de Agosto de 1953

Reconhecida de utilidade pública:

Lei Estadual nº 1162 de 12 de novembro de 1954

Lei Municipal nº 73 de 9 de março de 1954

C. G. C. 82 723 933/0001

Sede própria: Avenida Otto Renaux — Caixa Postal, 27
88350 - BRUSQUE — Santa Catarina

Mantenedora do MUSEU HISTÓRICO DO VALE DO ITAJAÍ-MIRIM

Notícias de "Vicente Só"

BRUSQUE — ONTEM E HOJE

Revista de cultura histórica do Vale do Rio Itajaí-Mirim

Registrada sob nº 02 no Livro de Registros de Pessoas
Jurídicas em Brusque, Santa Catarina

Publicado trimestralmente sob a responsabilidade da

SOCIEDADE AMIGOS DE BRUSQUE

DIREÇÃO: AYRES GEVAERD

Composta e impressa na Oficina da Fundação "Casa Dr. Blumenau"

NOTÍCIAS DE "VICENTE SÓ"

BRUSQUE-ONTEM E HOJE

Ano III

Abril, Maio e Junho de 1979

Nº. 10

Sumário

	Página
A PRIMEIRA PROFESSORA DOS BRUSQUENSES	
Alice Von Moers	34
UMA EXCURSÃO NO CENTRO DE BRUSQUE	
Max José Schumann	37
BRUSQUE EM 1907	
Reportagem	42
ORIGEM DO NOME "RIBEIRÃO DO OURO"	
Reportagem	44
TIPOS HUMANOS POPULARES	
Ayres Gevaerd	45
FRANZ SALLENTIEN	
José Ferreira da Silva	48
DOCUMENTOS DA ADMINISTRAÇÃO MAXIMILIANO	
SCHNEEBURG - Novembro de 1862	51
Arquivo da S.A.B.	

CAPA: Concepção e gentileza de Wolfgang L. Rau.

Clichê — A Sociedade de Cantores (Saengerbund Brusque" por volta de 1910. De pé, da esquerda para a direita: Gustavo Willrich, A. Ristow, K. Hafermann, R. Tietzmann, Moritz Lehmann (regente), Luiz Krause, Otto Krieger, E. Ulber, G. Krieger Jr., G. Luiz Krieger. Sentados, na mesma ordem: Matias Moritz, Adolfo Bruns, Luiz Lübke, Germano Krieger e Oscar Renaux.

A PRIMEIRA PROFESSORA DOS BRUSQUENSES

Augusta von Knorring

Biografia de nossa primeira professora, escrita por sua neta Alice Von Moers. A Sociedade Amigos de Brusque possui sua fotografia e a da escola em que aparece com suas alunas.

Augusta von Knorring nasceu em Estocolmo, em 19 de agosto de 1829, como filha de Carl Gustav Devin e sua esposa Sofia Eklaund Devin. Seu avô Charles Devin tinha vindo da França para a Suécia como militar acompanhando o Marechal Jean Baptiste Bernadotte, quando este seguiu para a Suécia a pedido do rei para ser herdeiro do trono.

Em 1849, Augusta casou-se com Evert Von Knorring que como jurista trabalhava na Chancelaria da Corte. Evert Von Knorring tinha estudado em Upsala, universidade mais setentrional da Suécia e lá fora acometido de pneumonia e em consequência, sofria de tuberculose. Os médicos suecos aconselharam-no a passar alguns anos em clima mais brando, indicaram Santa Catarina, e como naquele tempo seguiam navios noruegueses para lá levando os primeiros colonos para Dona Francisca, ele embarcou com a esposa.

Do Governo Sueco obtivera uma licença de 3 anos com ordenado.

Depois da viagem de 2 meses chegaram ao porto de São Francisco. Durante os 3 anos estiveram morando em Joinville, em Alvarenga e em São Francisco sem que o doente achasse grande melhora.

Passados os 3 anos foram ao Rio de Janeiro a fim de embarcar num navio que seguisse para a Suécia. Mas no dia da partida Evert Von Knorring ficou tão doente que a viagem se tornou impossível, resolvendo pois ficar no Estado do Rio de Janeiro.

Aconselhados por conhecidos foram para Magé no norte da Baía da Guanabara para se tornarem administradores de uma fazenda com 10 escravos. Mas como Evert Von Knorring continuava sempre doente e como os negros e menos ainda o capataz, não quisessem obedecer às ordens de sua esposa, abandonaram Magé onde nascera a sua filha Matilde e voltaram para Santa Catarina. Aqui moravam, ora aqui, ora lá, primeiro no Desterro, depois em São Pedro de Alcântara, São José, Santo Amaro, Rancho Queimado, Enseada de Brito. De lá seguiram para São Miguel e Tijuquinhas. Afinal voltaram para Desterro onde ficaram 2 anos. Evert Von Knorring dava lições de Latim e Augusta ganhava dinheiro fazendo bordados finos e costuras. Nes-

te tempo 1861, foi fundada a primeira escola de meninos em Brusque e Augusta, aconselhada por famílias amigas, fez exame de professora e pedido para ser nomeada professora. Felizmente obteve a colocação e com isso uma moradia permanente. Primeiro a escola funcionava em pequena casa de madeira, mas logo nos primeiros anos foi construído o lindo e espaçoso prédio — que mais tarde abrigou a coletoria. Os anos que seguiram agora com certeza eram os mais felizes de sua vida. Ela logo acostumava-se à vida da vila, às belezas de sua natureza, criava muito amor às suas alunas e à amável população de Brusque.

Lecionava dedicadíssima, alegrando-se com os progressos que suas alunas faziam. Estas, por sua vez, amavam a professora. Quando ela fazia anos, costumavam vir trazendo presentes e recitando poesias. Foram anos cheios de harmonia. Em 1864 seu marido, que cada ano passava uma temporada no Rio de Janeiro, onde o clima, conforme ele dizia, mais lhe agradava, não voltou mais da viagem. Augusta recebeu carta do Cônsul sueco dizendo que ele tinha falecido. Em seu pesar, o amor de sua filha que então contava 12 anos e a amizade das famílias de Brusque lhe eram grande consolo. Seus 2 irmãos Ludwig e Bernhard Deoin logo lhe escreveram depois da morte de seu marido, pedindo-lhe que voltasse para a Suécia com a filha.

Mas Augusta não se podia resolver a deixar sua querida profissão, as queridas alunas. Resolveu ficar. Passaram-se mais alguns anos e a filha Matilde contava agora 15 anos e como sua mãe queria que ela se aperfeiçoasse na língua alemã e francesa, levou-a a Blumenau para a casa do pastor protestante Oswald Hesse. A viagem naquele tempo, de Brusque a Blumenau, era fluvial, à canoa. Ia-se Rio Itajaí Mirim abaixo, Rio Itajaí Açu acima então entrando na desembocadura do Rio Garcia, assim chegando-se à Igreja Protestante e à casa do pastor. Naturalmente uma viagem assim não podia ser feita em um dia. Chegando o fim do primeiro dia, foi escolhido um lugar próprio no barranco do rio e nele arrumada uma espécie de cama. Dois anos Matilde estudava com Pastor Hesse, cuja esposa era sua madrinha, quando regressou a Brusque. Aqui ficou conhecendo a família Schwartzter. O marceneiro Karl Schwarter emigrara da Alemanha porque sua esposa teve saudades do filho Paulo que já havia vindo ao Brasil em 1862 e agora era gerente de uma Casa Cooperativa de Consumo em Brusque.

Matilde fez amizade com as filhas da casa Schwartzter e pouco depois noivou com Paulo. Casaram-se em 1871 e tiveram dois filhos: Olga e Paula. Mais tarde, em 1879, a Casa Cooperativa abriu falência e Paulo, depois de ter, por algum tempo, trabalhado como agrimensor na construção da antiga estrada Brusque-Blumenau que passava pe-

los morros do Rio Garcia, obteve, por intermédio de seu amigo Dr. Pitanga, então diretor da Colônia de Brusque, colocação como agente de terras em Blumenau.

Então mudaram-se para lá e moravam primeiro no Affenwiukel, onde nasceu a sua terceira filha, Alice. Durante todos estes anos Paulo Schwartzter tinha estudado as leis brasileiras e quando um novo partido chegou ao governo de Santa Catarina e ele perdeu a sua colocação, comprou casa na Palmalle, hoje Rua Duque de Caxias e tornou-se advogado. Em 1887 nasceu sua quarta filha, Edith. Augusta Von Knorring naturalmente sentiu muito a mudança da família e para se consolar propôs que Olga ficasse morando com ela para se tornar bem perfeita em tocar piano, porque em Blumenau não havia oportunidade.

Assim se fez e durante 6 anos ela morava junto com a querida neta que aos domingos a acompanhava à missa e que nos dias úteis já auxiliava no ensino da classe. Agora já havia estrada nova e assim Augusta von Knorring sempre veio passar as suas férias do fim do ano em Blumenau e sua filha com as netas vieram a Brusque para passar o dia de seus anos ou a Páscoa com ela. A estrada, apesar de nova, não era de primeira qualidade. Entre Gaspar e Barracão onde passava pelos matos e morros, os cavalos às vezes não tinham força para puxar o carro, que ficava preso num buraco.

Em casos destes a única solução era alugar dois bois para substituir os cavalos e puxar o carro da lama.

Quando Augusta von Knorring fez 65 anos, seu genro e sua filha insistiram em que ela deixasse de trabalhar e se aposentasse.

Ela cedeu as seus pedidos e mudou-se para Blumenau, onde alugou casa para ser independente, mas não deixava de trabalhar.

Dia por dia lecionava às suas três netas e mais moças, português, geografia, aritmética e religião e cada domingo as levava à Missa.

Assim passou quatro anos felizes, sossegados, nos quais ela sempre estava rodeada de seus queridos.

Até que em 1898 Deus quis que ela os abandonasse para sempre para entrar na eterna felicidade.

Uma excursão no centro de Brusque

“NOVIDADES” — 29 de setembro de 1907.

Max J. Schumann

Engenheiro, foi Chefe do Commissariado de Terras e Colonização do 2º Distrito, com sede em Brusque, entre 1907 e 1912. Organizou e realizou várias expedições pelo interior de Brusque, descrevendo-as em seus notáveis artigos: “Daqui a Lages em 3 dias”, “Uma excursão pelo interior de Brusque”, “Uma excursão ao Pinheiral” e “Uma excursão no centro de Brusque” que transcrevemos a seguir. Exerceu úteis atividades na Comunidade brusquense durante os 5 anos que aqui permaneceu. Entre outras, participou da Comissão das Comemorações do 50º aniversário de Brusque, inclusive da instalação do Marco comemorativo (JOANA); na Comissão que reuniu industriais, artistas, comerciantes e colonos para participarem da Grande Exposição Nacional do Rio de Janeiro, em 1908. Dentre os 40 expositores de Brusque, figurou Max J. Schumann, que conquistou um Grande Prêmio, uma medalha de ouro e outra de prata. Participou da Grande Exposição Internacional de Turim — Itália, em 1911, com 308 amostras de madeiras, obtendo “Grande Prêmio”.

No desejo de conhecer pessoalmente, quanto possível me fosse, o segundo Distrito do Commissariado Geral, que há pouco, imerecidamente me foi confiado pelo nosso Governo, aproveitei a ocasião que tinha de ir ali a serviço, para visitar a região do Ribeirão do Ouro, no alto Itajahy Mirim.

Julgando que há de haver quem tenha interesse em conhecer um pouco essa parte do florescente município de Brusque, venho tentar dar, em poucas linhas, uma descrição ligeira das impressões que recebi durante a minha excursão.

Saindo da nossa já bem adiantada Vila e tendo passado a ponte metálica “Cel. Vidal Ramos”, tomei a estrada para Águas Claras, Cedro, Águas Negras, Porto Franco, etc. cruzando primeiro o famoso canal do sr. Hoffmann e a moderna cultura de arroz, sistema chamado de submersão, empresa feita com tanto capricho como escrupulo, e

que custou em toda sua extensão, ao seu proprietário, uma quantia bem avultada, mas que dará também um bom resultado. Empresa modelo, que situada à margem d'uma das mais importantes vias da nossa colônia, dará aos transeuntes boa ocasião de apreciá-la e estudar o método moderno de duplicar muitas vezes o rendimento deste importante ramo da nossa lavoura.

O bom estado das casas, pastos, poteiros e roças, que deixaram poucos e já diminutos trechos de mata virgem, e que estão beirando a estrada geral, são uma boa prova da diligência e dedicação de seus moradores, que cultivam principalmente o feijão, milho, mandioca e cana e que têm bastante cafezais em condições regulares.

Até Águas Negras predomina o elemento teuto entre os colonos; d'ali em diante constituem os italianos a maior parte dos moradores. Como é flagrantemente destacado o estilo das moradias dos teutos da dos italianos, e como o viajante observador, já de longe, pode distinguir a residência d'um alemão da d'um filho da velha Itália!! Mas é, inegavelmente igual o zelo e a boa vontade das duas nacionalidades em cultivar e adiantar o estado das suas propriedades para ganhar o pão quotidiano.

Formando toda a nossa região um importante núcleo de exportação de madeiras, encontra-se também um número regular de engenhos de serra aqui, cuja produção em consideráveis "stokes" se acha empilhada em frente do engenho, na beira da estrada ou da margem do rio, esperando para que sejam formadas as muitas vezes bem importantes balsas e jangadas para a viagem fluvial até o porto de Itajahy.

A importância d'esta indústria ganha relativamente com a distância do lugar até o centro do município, para finalmente predominar completamente no Ribeirão do Ouro. Para obter a necessária força motriz e mesmo nos tempos de seca ter suficiente água, foram feitas em muitos lugares canalizações, juntando assim algumas vertentes e riachinhos. Encontram-se também diversas adufas regulares, cujos saltos artificiais aumentam bastante o pitoresco encanto da região montanhosa. Quase todas as terras d'estas vertentes já estão aproveitadas, na forma acima mencionada, para arrozais.

Estranhei, e principalmente na esfera dos colonos italianos, a quase absoluta falta de vinhos, convidando justamente a terra calcárea para culturas em grande escala, pois julgo geralmente conhecido, que os vinhos espumantes da Champagne devem as suas qualidades superiores a essas condições geológicas do solo e subsolo. O clima aqui não poder ser muito diferente do daquela parte da França.

Sendo a cabra a "vaca dos pobres", arbitrei os poteiros cheios de gado vacuum como agradável sinal de certa riqueza dos moradores, mas não quero deixar despercebida a ocasião para chamar a atenção daqueles moradores para a grande importância da criação caprina nestes morros quase inacessíveis e toda a vida impróprios para a lavoura.

Existe feito muito trabalho pelo próprio braço do morador, que hoje, sendo a região já regularmente cultivada, não é mais tanto avaliado como merece. Nesse sentido faço menção de um caminho particular do sr. Alexandre Tirloni, para escoadouro das madeiras dos terrenos dele, nos fundos da linha do Gabiruba, que custou perto de 4 contos.

A respeito da estrada geral, que vai no vale do rio Itajahy, cortando um considerável número das suas mil voltas basta dizer que fiquei, apesar do tempo muito chuvoso, agradavelmente impressionado pelo seu estado regular. Dá para fazer a viagem em carro até a sede do Ribeirão do Ouro, mas em alguns lugares ela é tão estreita, que duas carroças não podem desviar-se. Dando-se um caso deste, é necessário desmontar o veículo para poder virá-lo e voltar num lugar mais largo. A viagem que se pode fazer bem comodamente num só dia, porque são apenas, mais ou menos, cinqüenta quilômetros, não aborrece o itinerante, por causa da grande variedade do pitoresco panorama do rio, que como filho das altas serras, cheias de abismos e boqueirões, dividido por milhares de grutas e gargantas, percorre bem alegre o seu "thalweg" pedregoso e estreito, formando assim numerosas correntes e duas cachoeiras regulares. O murmurar e o ruído surdo de suas águas espumantes e cristalinas, acompanha sempre, como agradável música, o viajante, que sabe gozar dos deliciosos atrativos da majestosa natureza e que não aborrece a maravilhosa arquitetura de nossas serras, sejam elas cobertas duma floresta semi-verde, sejam somente pedras nuas e rochas gigantescas, quais a vista encontra sempre durante a viagem nos dois lados do rio.

Partindo a estrada do planalto de Brusque, vai subindo continuamente até o Ribeirão do Ouro e creio eu que este último lugar está situado a mais de 200 metros acima do nível do mar. Mais tarde, tornando-se com o aumento da população o trânsito dessa estrada maior, será necessário alargar estes trechos, atualmente tão estreitos.

O valor do rio para a navegação é atualmente diminuto, mas podia-se com insignificante despesa melhorá-lo. O maior obstáculo apresentam as duas já referidas cachoeiras formadas por algumas lajes e rochas e dividindo assim a largura do rio em diversos canais de diferente correnteza e altura.

Construindo aqui e nos dois lados diques e deixando o principal canal aberto, ficaria concentrada lá toda água e dava para passarem inteiras as balsas e jangadas, onde hoje passam somente em partes. Igualmente, tornava-se também mais cômoda a passagem das canoas. Estes melhoramentos que por exemplo, encontram-se no rio Cahy, no Rio Grande do Sul, talvez dessem para lanchões baixos e de não muito calado poderem subir o rio, mesmo com pouca água, até a sede do Ribeirão do Ouro. Isto devia ser de grande importância para

o escoamento da cal, fabricada nesta altura. Hoje, por terem receio de molhar e arruinar assim o produto, os fabricantes não podem aproveitar a via fluvial.

Sofre toda esta região de numerosas enchentes, mas por causa da impetuosidade da corrente do rio, são elas de pouca duração. Calcula-se em dezoito horas. A mais importante de que os atuais moradores lembram, deu-se no ano de 1880, passando o rio cerca de 50 palmos o seu nível normal e causando grandes estragos. Também ficaram nesta época bem transformadas as condições topográficas do rio, que não procurou somente em diversos trechos um novo "thalweg", como também formou imensas ilhas e ilhotas, roubando ora nesta margem, ora naquela consideráveis pedaços das propriedades. O antigo leito aparece hoje com lagoas e serve para o esgoto das águas que transbordam do rio no tempo das enchentes.

O estado das pontes varando Águas Claras e Águas Negras, é muito bom. As outras menos importantes são regulares e são reparadas pelos próprios moradores. Somente a ponte sobre o Cedro exige categoricamente em breve uma reconstrução completa e causou a comunicação do sr. Superintendente, que trouxe da Capital os necessários créditos para, isto, a mais agradável impressão entre os moradores.

A formação geológica mostra à flor da terra e no subsolo camadas de grande espessura de barro amarelo, que oferece um material superior para a fabricação de tijolos. Quanto mais para cima o barro vai aparecendo às vezes misturado com areia, saibro, mas predominando sempre o primeiro. Aproximando-se do Ribeirão do Ouro encontram-se diversos minerais, pedra-gres, ferro, granito, quartzo e muitas qualidades de pedra calcárea e uma pedra parda, para a qual nos últimos tempos, por iniciativa do sr. coronel Carlos Renaux, foi chamada não somente a atenção de todos daqui, como também a do Governo e até de capitalistas europeus. E, conforme a análise dum químico especialista da Suíça, matéria prima excelente para a fabricação de cimento. Não aparece ela somente em ninhos ou dispersa nesta vasta região, mas forma uma jazida enorme e de grande extensão, sendo encontrada como pedras soltas e roliças e como rochas em formas de pequenos morros regulares, não só no Vale do Ouro como também no do Ribeirão da Areia e em alguns lugares no município de Lages.

A indústria de caeiras já começa a ser explorada pela laboriosa colônia italiana. Mostraram-me uma cal virgem, de qualidade superior, branca como a neve e contaram-me que uma pedra, mais ou menos do tamanho de um tijolo, dava uma quarta de cal. O método, porém, da fabricação, ainda é muito primitivo.

Conforme os mencionados minerais que acompanham o chis-

to e ouro, a geognosia com toda certeza classificaria a formação da zona como hurônea.

Nestes morros de cal foram descobertas algumas cavernas de tamanho regular. Entrei em três, mas o meu tempo não deu para ir ao Ribeirão da Areia. A primeira num morro do lote nº 7 da Linha Ouro e foi descoberta por um italiano que procurava na mata uma vaca fugida. Quem desejar ver as outras deve resignar-se a uma marcha de 4 horas, por um sertão ainda bem fechado e muito montanhoso. A mais interessante é a terceira, não só por causa de sua formação e construção como também por ser a mais extensa. Aqui se encontram três quartos ligados por duas galerias em zi-zag. A altura varia de 4 até 6 metros, mas parece ser mais alta por não ser muito larga. Encontram-se dentro, como igualmente nas outras, algumas estalactitas e os princípios de estalacmitas, mas já foram derrubadas as mais bonitas. A cor delas é de um branco duvidoso e amarelado, mas na segunda existem ainda os restos de vermelho-claras, quase rosa. As três grutas são completamente secas. Que elas foram conhecidas dos indígenas e talvez aproveitadas para qualquer fim prova um grande número de sinais que descobri na parede da maior, feitos, como julgo, com a ponta férrea duma flecha. Com toda certeza não foi usada como moradia por ser sensivelmente fresca; também faltam os indícios de fogo e fumaça, mas serviu e serve talvez ainda como "rendez-vous" dos nossos silvícolas, pois essa zona forma ainda uma parte do sertão, ocupado pelos bugres, e onde o branco entra somente com toda cautela. Está bem vivo ainda a lembrança dos últimos dois assassinatos nesta região. Mataram, no já citado lote nº 7, perto da gruta, há anos, um moço que derrubava, em companhia de três amigos, uma mata. O outro caso deu-se com uma senhora, que foi já há mais de 10 anos moradora do lugar. Ignora-se até agora o motivo dos dois homicídios. Que eles ainda estão ali, afirmou-me o sr. Morelli, que passando com a carroça o ribeirão, foi atacado com pedras atiradas da mata. O meu vaqueano, que descobriu as duas últimas gruta, nesta excursão, foi o sr. Jacinto Marcelino, irmão do célebre bugreiro Martins, e que vive à beira do mato como caçador e estabelecido com os seus cunhados com engenho de serra.

As matas da região por mim penetrada estão virgens, pois a exploração ilegal de suas madeiras ainda não venceu as dificuldades por falta de caminhos. São, porém, de aspectos tristes os lotes no Ribeirão do Ouro, completamente derrubados e devastados no seu principal valor, na madeira. Já por este motivo devia-se aceitar com maior satisfação, a realização da Empresa Renaux, que acabará de uma só vez com estes crimes. Seria uma injustiça processar essa gente, pois culpados são todos os moradores, desde o tempo da colonização até os intrusos atuais.

Atravessei a mata em todos os rumos, encontrando sempre a mesma situação.

Os estabelecimentos dos moradores, sejam benfeitorias, sejam culturas, denotam um estado de decadência e a miséria daquela gente ali, como puxadores de madeira, etc.. Choupanas tristes e plantações numa escala que não dá para o próprio sustento da família.

A única exceção é a casa dos srs. André Colzani, recém-construída e a do sr. Teodoro Werner, estabelecido lá com engenho de serra, atafona e criação regular de gado vacum e suíno.

Não quero concluir sem aludir mais uma vez ao grande desenvolvimento moral e material dos colonos. Reina ali boa ordem e trabalho e o bem estar, testemunhos da prosperidade, do engrandecimento de povo laborioso

Aproveito o ensejo para mais uma vez agradecer, penhorado, as provas de estima e consideração, que me foram dispensadas em Aguas Negras, Porto Franco e Ribeirão do Ouro durante a minha excursão.

Max José Schumann".

Brusque em 1907

Do correspondente em Brusque do jornal
"Novidades", Itajaí, 26/11/1907

Tivemos neste mês ocasião em tomar parte em diversos divertimentos, passando assim horas bem agradáveis na monótona vida do nosso meio colonial. No primeiro domingo do mês realizou-se na chácara do sr. Becker apreciada desde longos anos como agradável ponto para pic-nics e partidas campestres, uma festa infantil arranjada pelo incansável e dedicado sr. Pastor Lange e o corpo docente da escola protestante, oferecida a seus discípulos, pais, amigos e protetores.

Fazendo na ocasião magnífico tempo, houve enorme concorrência e retiraram-se todos, satisfeitíssimos.

Em consequência e em combinação com esta festa, foi oferecido à sociedade brusquense, no dia 17 do corrente, em homenagem à gloriosa data histórica, na vasta sala do Club dos Atiradores, pela diretoria da mesma escola, o espetáculo "Dornroeschen", uma das melhores pérolas da poesia alemã, uma fábula transformada em cena teatral. Aos pequenos artistas bem como aos dirigentes desta festa, Reverendo Lange e exma. esposa, não foram regateados aplausos de apreço e a gratidão dos presentes.

.....
GRAÇAS à iniciativa do sr. Edgar von Buettner e Luiz Müller

realizou-se num dos últimos dias, no salão dos Atiradores, um Concerto musical, executado com fina perfeição artistica por um grupo que aqui esteve, de músicos ambulantes. Achou-se reunida nesta ocasião a elite da nossa sociedade.

Além do raro prazer musical, teve o público boa ocasião de admirar a excelente iluminação a álcool, sendo o vasto salão iluminado somente com seis lampiões, que produziram claridade como se fosse de dia. Merece o moderno sistema toda proteção.

Os novos lampeões, chics e elegantes, não são somente uma decoração apreciável para cada mesa e cada salão, oferecem também a maior e possível limpeza assim como economia.

Pode ser calculado o consumo do álcool por hora em 30 réis e produzindo uma luz três vezes mais intensa do que melhor luz de querosene. Está bastante provado que a luz a álcool torna-se muito mais barata. Julgo também mais conveniente empregar-se o álcool para a iluminação, visto ser um produto nacional e assim o dinheiro que somos obrigados a gastar com esse serviço público ficará aqui e não irá para a Norte América encher os bolsos do "Rei do querosene", o sr. Rockefeller, que ultimamente foi condenado a uma multa de 200 mil contos!, mais ou menos, por ter explorado, escandalosa e fraudulentamente, com seu truste de querosene, milhares e milhares de trabalhadores.

O consumo e a fabricação de álcool oferece mais uma importante vantagem. Anteriormente o negociante não sabia o que fazer com o melado de açúcar que o colono trazia para o mercado em barricas, hoje porém já é aproveitado e bem estimado na fabricação do álcool e não se perde mais nenhum.

.....

CONSTA que a casa E. v. Buettner & Cia. está esperando um completo sortimento de lâmpadas "Sinumbra" das quais fará exposição. Não sendo cara a instalação, convinha dotar-se a nossa vila com uma iluminação por este sistema.

.....

TENCIONA o sr. Coronel Bauer levar agora a efeito a sua antiga idéia de construir uma canalização de água, aproveitando pequeno ribeirão que nasce nos morros entre a linha Peterstrasse e Guabiruba, nas terras particulares do sr. João Olinger. Seria de grande vantagem se fosse feito esse serviço de acordo com o nosso governo municipal, tornando-se ele assim aproveitável para o uso público. Podia-se dizer depois: "Brusque está na ponta". Ruas agora verdadeiramente boas, iluminação moderna e água encanada!!

Origem da denominação “Ribeirão do Ouro”

A julgar pelos nomes geográficos, designando rios e lugares no vale do Itajai, parece que nesta zona houve, nos seus começos, muitas minas, ou ao menos muitas tentativas de exploração de metais preciosos.

Temos o Ribeirão do Ouro em Brusque, o Ribeirão da Mina nas divisas de nosso município com o de Blumenau, o Ribeirão da Prata, afluente do Luiz Alves, o Brilhante, na estrada de Brusque, etc.

Não se compreende que os primeiros povoadores desta zona tenham posto essas denominações, sem razão alguma que as justificasse. O que se deu foi a obliteração, com o tempo, da origem desses nomes. Assim, como nós, muitos leitores, ao ouvirem o nome de Ribeirão do Ouro, nos últimos tempos tão frequentemente declinado, por causa das jazidas calcáreas aí existentes e onde se pretende estabelecer uma fábrica de cimento, hão de ter ficado sobre o motivo porque deram àquele pequeno manancial que corre no extremo sertão de Brusque o nome do cobiçado metal.

Pois agora chegamos a sabê-lo e aqui assinalamos, para satisfazer a curiosidade de nossos leitores, a história do nome do Ribeirão do Ouro.

Há uns 70 anos atrás, pelos começos de 1840, quando toda a região que constitui hoje o município de Brusque era um sertão bravo, habitado pelos selvagens, apareceram aí três irmãos vindos dos Estados Unidos da America do Norte.

Chamavam-se eles Roberto, Augusto e Leweson Leslie, e andavam a procura de minas. Depois de terem cruzado todo nosso sertão, permaneceram durante alguns meses às margens de um córrego, afluente do pequeno Itajahy, e onde, segundo diziam, haviam encontrado ouro, tendo extraído e levado consigo uma boa quantidade desse metal.

A notícia do fato espalhou-se e quando, anos depois, moradores se foram estabelecer perto do ribeirão junto ao qual os três irmãos americanos haviam minerado, batizaram o riacho, em virtude daquela tradição, com o nome de Ribeirão do Ouro.

Dos três mineiros americanos, dois voltaram logo para os Estados Unidos, e o terceiro, que entre nós ficou, outrô não era que o “Velho Lessa” conforme todos aqui tratavam o sr. Leweson Leslie, o abastado agricultor, falecido o ano passado, em avançada idade, no lugar Ilhota, deste Município.

Deste modo se fica sabendo porque tomou o nome de Ribeirão do Ouro o pequeno curso d’água que aflui no Itajahy Mirim, próximo às nascentes deste, e como dos Estados Unidos veio para esta terra, nos tempos em que toda esta região apenas começava a ser conquistada para a civilização, e aqui viveu durante mais de meio século, o simpático e saudoso “velho Lessa”.

Do jornal “NOVIDADES” - Itajhay, 27 de fevereiro de 1910.

TIPOS HUMANOS POPULARES

Ayres Gevaerd

NOTA PRELIMINAR: Para as comemorações do 1º. centenário, da fundação de Brusque, foram organizadas várias comissões e sub-comissões, uma delas, a sub-comissão do Folclore de Brusque. Coletei os elementos referentes aos "Tipos Populares", que serviram de base para um dos capítulos do livro "Folclore de Brusque", de Walter F. Piazza, edição da Sociedade Amigos de Brusque. Transcrevo do mencionado livro, com algumas alterações, os atributos mais interessantes de quatro tipos, os mais característicos.

BRUSQUE, como quase todas as cidades, grandes ou pequenas, tivera e tem ainda, tipos exóticos, de certo modo ligados à vida comum da população e de sua história. Os que fizeram época ou seja, os mais interessantes, todos já desaparecidos, tiveram seu apogeu entre 1920 a 1935, sendo quase todos benquistos, não faltando quem os ajudasse materialmente e às vezes mesmo, em retribuição de pequenos serviços. Tinham essas pessoas de bons sentimentos, piedade de criaturas assim, outras, mormente nas vias públicas, esses desditosos serviam de galhofa.

Aos poucos vão se apagando da memória da cidade e de quantos os conheceram, perdendo-se muito das características de cada um, principalmente as "quadrinhas".

Na época referida pontilharam os seguintes, de três nacionalidades, brasileira, alemã e italiana: Negro Florentim, Maneca 21, Maneca Pataca, Paulim, Albert, Angelina, João Linguíça, Lula, todos falecidos.

Por razões diversas e óbvias, focalizo somente os quatro primeiros:

Maneca 21 — Assim era chamado por ter 21 dedos, nascera-lhe mais um perto do polegar da mão direita.

Era mulato, robusto, de meia altura, rosto cheio e sempre barba-do. Extremamente violento quando o apupavam, não respeitava ninguém, proferindo terríveis palavrões.

Além do apelido de Maneca 21 que feria fundo, ficava possesso ao ouvir um assobio imitando certa espécie de macaco.

Sua profissão era lancheiro, trabalhando em uma firma que, na época, explorava o serviço de cargas em lanchas, pelo rio Itajai mirim, até Itajai, e vice-versa.

Como era de compleição robusta não tinha dificuldade em manejar o varejão para empurrar rio abaixo e acima, com mais 6 ou 8 companheiros, uma lancha. Faleceu há cerca de 40 anos.

Maneca Pataca — Bem merecia Manoel Vicente Pereira, mais

conhecido por Maneca Pataca, um registro especial, mas a carência de informações mais precisas sobre sua vida, não me permite fazê-lo.

De cor branca, estatura mediana, pálido, com barba sempre por fazer, olhos desconfiados, quase sempre resmungando, principalmente quando avistava uma pessoa com a qual não simpatizava ou um grupo de pessoas em atitude, para ele, suspeita.

Maneca tinha uma propriedade especial: sabia ou sentia, quando iam "mexer", com ele.

Andava um pouco curvado e com as mãos invariavelmente cruzadas nas costas.

Era doentio, asmático. Vestia roupa simples, limpa e quase nunca usava paletó.

De ordinário andava quase sempre sério, correspondia a uma brincadeira qualquer, desde que não bulissem tocando no apelido.

A origem da alcunha é um tanto confusa, não permitindo seu registro nestas notas. Bastava ouvir, na rua, alguém gritar "pataca", enfrentava com relativa calma a pessoa ou grupo de onde supunha ter partido o desaforo, e descarregava um vocabulário tremendo, com movimentos de mãos, impossível de registrar-se.

Em seguida retomava seu caminho, resmungando, porém se acontecesse a repetição, então a réplica era medonha, temendo-se que sobreviesse um ataque apoplético, tão cogestionada ficava sua fisionomia.

Gostava de uma pinguinha que o deixava alegre, mas não era bêbado inveterado.

As vezes pessoas humildes o chamavam para fazer benzimento em dor de dentes, cobreiro ou outro mal comum, qualquer. Quando ligeiramente "tocado" misturava reza com algum palavrão que com a maior facilidade lhe vinha aos lábios.

Em geral as pessoas que o maltratavam eram adultas, as crianças o temiam, apesar de nunca ter feito mal a alguém.

Quando da aproximação de uma trovoadas, Maneca calmamente olhava o céu e com gestos inexpressivos fazia rápido benzimento terminando em dividi-la em quatro partes.

Manoel V. Pereira era casado, sem filhos e vivia de pequenos trabalhos braçais e da caridade de algumas pessoas. Não era mendigo.

Uma ocasião caiu de uma das cabeceiras da ponte Pereira e Oliveira sem sofrer, sequer, um arranhão.

Faleceu em Julho de 1938, tendo o "Correio Brusquense" de 16 do mesmo mês lhe dedicado um necrológico através da pena do jornalista Guilherme Varela.

Paulim — Paulo Luchini, conhecido simplesmente por Paulim era de nacionalidade italiana, de estatura pequena, fisionomia sempre risinha, olhos vivos espertos, cabelos e bigodes inteiramente brancos, com barba quase sempre feita aos cuidados do João Tensini e Júlio Gevaerd.

Sua indumentária era completa, apesar do terno nunca lhe sentar bem, costumava ajeitar a gravata, de qualquer maneira, movimento que lhe era comum.

Em consequência de uma picada de cobra, Paulim ficou com a mão esquerda atrofiada, razão porque seu braço estava constantemente envolvido em panos.

Ocupava o braço doente para manter, encostada ao corpo, uma bengala rústica que tinha um rosto de pessoa talhada a canivete.

Não tinha pousada fixa, em geral comia e dormia em casas de gente pobre ou em modesto hotel. Era comum ver-se o Paulim sentado em bar ou restaurante tomando café com pão, oferecido pelo proprietário.

Muito prestativo servia vezes de mensageiro e não raras vezes fazia viagens para Blumenau, Itajai e Gaspar, a pé, para entregar carta ou pequena encomenda. Nessas ocasiões recusava qualquer espécie de carona.

Sua maior originalidade era não aceitar dinheiro em paga de determinado serviço, ou esmolas, pois, quando lhe ofereciam, meneava a cabeça, dizendo, "no credo". Se a pessoa insistia na oferta, ficava aborrecido.

Gostava de uma pinguinha e quando, em consequência, ficava alegre, saía pelas ruas cantando e perseguindo as moças, às quais dedicava versos, a maioria em língua italiana. Em língua portuguesa guardei os seguintes:

Não posso criá galinha,
pró móde do gambá...
não tenho o mau costume
de comê e não pagá.

Não quero me casá
porque solteiro vivo bem...
ai. ai, ai querido bem!

Assim procedendo, Paulim tornou-se um dos tipos mais originais e queridos de todos os que o conheceram. Outra peculiaridade do Paulim era não tomar pinga do mesmo copo aonde outra pessoa tocara com os lábios. Certa vez em uma casa de negócio, centro de reunião de alguns tipos famosos, Paulim ficou indignado porque lhe ofereceram um copo com pinga depois de uma pessoa, de cor parda, ter tomado um gole.

Paulim faleceu com aproximadamente 75 anos e foi mesmo um dos últimos tipos populares realmente interessante, que Brusque teve.

Negro Florentim: Muito velho, 100 anos com certeza, imensamente querido e simpático, Negro Florentim era procurado e interpe-

lado principalmente pela petizada da época e a todos dava resposta, mansa e alegremente. Apesar da idade avançada andava sempre apressado e era incapaz de uma palavra dura.

Morava no lugar Barracão e semanalmente vinha a Brusque receber esmolas. Ninguém sabia o seu nome exato, tão pouco sua procedência, remanescente escravo de alguma Fazenda, com certeza. Sua indumentária era pobre, porém limpa, andava descalço, usava bengala rústica e era de se ver a pose, apoiado nela, quando conversava com alguém.

Invariavelmente, "meu branco", era empregado quando respondia a eventual pergunta ou quando procurava conversa.

Como quase todos os de sua condições, um dia desapareceu, terminando possivelmente seus dias amargurados em casa de família caridosa.

FRANZ SALLENTIEN

JOSÉ F. DA SILVA

Transcrevemos do jornal "A Nação" de 2 de setembro de 1971, o artigo que segue, da lavra do saudoso historiador José Ferreira da Silva, em razão da ligação que tem com os primeiros dias de nossa história. Cópias das cartas referidas por J. F. da Silva existem na Sociedade Amigos de Brusque. O documento de 14.11.1862 da administração Schneéburg, transcrito neste número, refere-se à presença de Franz Sallentien na Colônia.

É sinceramente de lamentar que pouco, muito pouco mesmo, se saiba do destino e mesmo da biografia dos primeiros 17 imigrantes aportados, em 2 de setembro de 1850, à barra do Ribeirão da Velha, para dar começo ao estabelecimento fundado pelo Dr. Blumenau.

Entre esses imigrantes, como se sabe, veio um jovem de 23 anos, de nome Franz Sallentien. E, graças a um bisneto desse pioneiro. Klaus Sallentien, residente em São Paulo, que se deu ao trabalho de pesquisar o passado do seu ilustre ancestral, viemos a conhecer dados muito interessantes, relacionados com os primeiros dias da Colônia Blumenau.

Klaus, além de fornecer-nos importantes dados biográficos de seu antepassado, cedeu-nos cópias de quatro cartas de Franz Sallentien a seus familiares e algumas fotografias destes. Antes de traduzirmos as missivas escritas à margens do Itajaí, vamos dar alguns informes sobre seu autor. Franz Sallentien nasceu à 12 de agosto de 1827, em Brunsvique (Alemanha). Seu pai era pastor protestante, com exercício na igreja de São Martinho, daquela cidade, sede do Granducado de Brunsvique. Estudou agronomia tendo, em seguida, feito o aprendizado prático em Niegrip.

Pouco depois, ocupou o cargo de Inspetor do Domínio de Heinrichsberg. Como muito dos seus jovens contemporâneos, Franz viu-se

decepcionado com a situação político-econômica que a Alemanha então atravessava, agitada por idéias liberais que as autoridades procuravam sufocar por todos os meios ao seu alcance. Interessou-se então, pelos planos de colonização do Dr. Blumenau, com os quais travou conhecimento com o próprio autor e pelo livro de propaganda publicado pelo mesmo, aconselhando os alemães dispostos a emigrar, a se dirigirem para Santa Catarina, para as margens do Itajaí, onde encontrariam "terras férteis e sobretudo, um clima de absoluta liberdade de pensamento e de ação". Assim, inscreveu-se logo entre os que compuseram a primeira leva destinada à Colônia Blumenau. E com os outros quinze imigrantes, e mais Reinoldo Gaertner, Sobrinho do Dr. Blumenau, chefe do grupo, embarcou a 8 de julho de 1850, no veleiro "Emma Louise", com destino ao Brasil.

Chegando à incipiente Colônia, Sallentien dedicou-se à agricultura ajudando o Dr. Blumenau e os demais colonos no preparo das terras, na construção de engenhos de serrar e de fabricação de açúcar. Dotado de grande espírito de iniciativa, de justa ambição de progredir, em pouco Sallentien convenceu-se da inadequação ao sistema que o fundador de Blumenau escolhera para o seu estabelecimento agrícola.

A Colônia seria dividida em sítios de vinte hectares, ou trinta no máximo, para cada família. Para a execução dos projetos que concebera, isso era muito pouco para Sallentien, numa Província de enorme extensão territorial ainda inculta e ainda onde tudo estava por fazer.

Assim, já em 1852 resolveu adquirir uma gleba de boas terras nas margens do Itajaí Mirim, onde, no lugar conhecido por Águas Claras, construiu um engenho de serrar madeiras. Dessa forma, Franz Sallentien foi um dos pioneiros da colonização do atual município de Brusque.

No ano seguinte, e um pouco distante do primeiro, Sallentien construiu outro engenho de serrar, em terras posteriormente ocupadas pela serraria dos Irmãos Kirchner. Ainda em 1853 associado a Reinoldo Gaertner, Sallentien construiu uma terceira serraria nas margens do Itajaí Mirim. E já que as suas atividades desenvolviam-se próximo à barra do Itajaí Mirim, local, em que desembarcavam os imigrantes destinados a Blumenau, Sallentien e Gaertner cuidavam de recepcioná-los, de desembaraçá-los dos encargos alfandegários, de orientá-los, de proporcionar-lhe abrigos e alimentação até o seu transporte, pelo rio, para a Colônia Blumenau.

Dali, da barra do rio, datam as cartas referidas.

Com o terceiro transporte de imigrantes, vindos da Alemanha, constante de 110 novos colonos, desembarcou, na barra do Rio, Joana Osterland que viria a ser a esposa de Franz Sallentien. Casaram-se a 13 de março de 1855, oficiando a cerimônia o pastor Hoelzel, da Colônia Dona Francisca, que até aqui viera a convite do nubente.

Blumenau ainda não tinha o seu próprio pastor protestante, o que só em 1857 se verificou, com a vinda do pastor Osvaldo Hesse.

Nos primeiros tempos, o casal passou a residir na casa que pertencera a Fernando Hackradt, a que fora acrescentada um cômodo e nele instalado uma pequena venda, explorada por Sallentien. Este cuidava, simultaneamente, da agricultura e da pecuária.

Em 1861, foi à Alemanha com a família, embarcado no veleiro "Raleigh" em cujo bordo nasceu-lhe o quinto filho, a menina Minna, que viria a falecer em Brusvique.

Em 1866 Franz Sallentien mudou-se para Desterro, capital da Província onde abriu uma casa de comércio atacadista de gêneros alimentícios e exerceu intensa atividade social.

Ali fundou a Sociedade de Cantores "Euterpe", depois transformada na Sociedade de Cantores "Germânia". Em setembro de 1868, levou, para serem educados na Alemanha, os seus filhos mais velhos, Luiza, Franz e Reinhold. Desta viagem Sallentien desenhou um roteiro muito interessante, marcando a posição quase diária do veleiro "Elisabeth" no seu trajeto até Hamburgo. Saiu de Desterro a 12 de setembro e chegou a Hamburgo a 8 de novembro.

O menino Franz, que então contava 11 anos, escreveu, mais tarde, algumas memórias sobre a viagem. Nos começos de 1869, Franz retornou ao Brasil para retornar pouco depois, a sua Terra Natal, com toda a família e definitivamente.

Faleceu a 23 de março de 1907 em Brunsvique, depois de uma existência dedicada inteiramente ao trabalho e à família. Seu filho Franz regressou ao Brasil estabelecendo-se em São Paulo, como comerciante, ali falecendo em 24 de junho de 1940. A essa feliz circunstância, pois, deve-se o podermos conhecer os dados principais da vida de Sallentien nas margens do Itajaí e em Santa Catarina, da sua atividade em prol da colonização e do desenvolvimento deste maravilhoso recanto da terra brasileira.

É pena que sobre os demais integrantes do grupo de primeiros imigrantes de Blumenau não se conheça senão pouca coisa, exceção feita de Reinoldo Gaertner e Guilherme Friedenreich sobre os quais existem dados escassos constantes dos fatos blumenauenses. Franz Sallentien ainda ocupará a nossa atenção em outras oportunidades, que assim como Gaertner e Paulo Kelner, igualmente beneméritos e de marcante atuação, inclusive no povoamento do vizinho município de Brusque.

Na passagem de mais um aniversário de nossa cidade é justo lembrar o nome desses que com o seu trabalho, a sua inteligência e, sobretudo, com a sua formação moral prepararam, a custo de sacrifícios sem conta, a herança de que hoje estamos usufruindo.

É não só lembrar-lhes o nome, mas glorificá-los, também, num justo e merecido preito de gratidão e de justiça.

*Documentos da Administração
Schneéburg
de novembro de 1862*

De acordo com a ortografia original.

Directoria da Colonia Brusque no Itajahy-mirim em
1º. de Novembro de 1862.

Illmº. e Exmº. Snr.

Contando-me, que terei a fortuna de que V^a. Ex^a. visitará tão-
bem essa Colonia, ponho devidamente essa Lancha às Ordens de V^a.
Ex^a.

Deos Guarde à V^a. Ex^a.

Illmº. e Exmº. Snr. João Francisco de Souza Coutinho
Dmº. Vice-Presidente da Provincia de S. Catharina

O Director da Colonia
Barão de Schnéeburg

Directoria da Colonia Brusque no Itajahy-mirim em
10 de Novembro de 1862.

Illmº. e Exmº. Snr.

Tenho a honra de remetter à V^a. Ex^a. as contas documentadas
das despesas effectuadas com a Colonia Brusque, durante o trimestre
de Julho à Setembro de 1862, com o competente Balanço da Caixa
annexo.

Submetti respeitosamente à V^a. Ex^a. com data 25 de Setembro
passado, o orçamento das despesas provaveis com os Serviços especifi-
cados e necessarios para o Trimestre de Outubro à Dezembro na im-
portancia de Rs. 12:143\$000, não tendo podido prever os tantos extra-
ordinarios, cauzados pelos multiplos doentes, despesas do transporte e

pelo indispensavel franqueamento das Communicações, pontes e estivas pelos 3 grandes enchentes em Outubro interrompidos, e em grande parte destruidos.

Pelas mesmas inundações soffrerão os Colonos bastante enlevamento de suas plantações; e carecerão indispensavelmente novas sementes para poderem ainda nesta estação (ainde aproveitavel) replantar as suas roças perdidas, p.^a. assim não soffrerem a perda total da colheita de Março ou Abril, que os atrazaria pelo menos até Junho ou Julho p. futuro, aonde poderião então só ter alguma ou colheita.

Os 8 Contos, que V.^a. Ex.^a. concedeo para o trimestre de Outubro, Novembro e Dezembro 1862 antes destes funestos acontecimentos, de per si não podiam satisfazer aos trabalhos de necessidades no meu orçamento especificados e menos na affluencia destes extraordinarios.

Vou por isso respeitosaente pedir a V.^a. Ex.^a. de attender ao exposto e de Se dignar a mandar consignar-me, (como plenamente para os serviços e extraordinários urgentes do mesmo trimestre corrente), mais Rs. 5:000\$000.

Deos Guarde à V.^a. Ex.^a.

Illm.^o. e Exm.^o. Snr. João Francisco de Souza Coutinho

Dgm.^o. Presidente da Provincia de S. Catharina —

ass. Barão de Schneéburg

Directoria da Colonia Brusque no Itajahy-mirim em
14 de Novembro de 1862.

Illm.^o. e Exm.^o. Snr.

Em obediencia ao Officio do Exm.^o. Snr. Presidente Motta de data de 18 de Setembro de 1862, que junto com 4 documentos sómente recebi em 23 de Outubro p. p. por mão do proprietário no lugar chamado Pedra-grande, o Snr. Paulo Kellner, incumbido desta entrega por Francisco Sallentien, constando esses 4 documentos, que junto devolvo à V.^a. Ex.^a. como segue:

O 1.^o. do Requerimento dos Snrs. Sallentien e Gaetner com data de 1.^o. de junho de 1862 ao Exm.^o. Snr. Presidente sobre a indemnisação em terras de valuta, do prejuizo com que a medição do Engenheiro Major Rivierre encarregado pelo Imp: Governo da demarcação do territorio e dos lohtes da Colonia Brusque situados no lado direito do Rio d'Itajahy mirim lezou a sua propriedade.

O 2.^o. do Officio N.^o. 119 (informante) da Illm.^a. Delegacia das

Terras Publicas com data de 25 de junho de 1862 à Exm^a.
Presidencia.

O 3º. do Officio informante do Juiz Commissario o Snr. Frederico Xavier de Souza datado de 21 de Agosto de 1862 ao Exm^o. Snr. Presidente.

O 4º. de outro Officio informante do Illm^o. Snr. Delegado das Terras Publicas sub N^o. 156 de 9 de Setembro do corrente anno, ao Exm^o. Snr. Presidente, todos concernentes à Petição de Sallentien & Gaetner.

Tenho respeitosamente de dizer, que a mencionada informação do Snr. Juiz Commissario, bazeada sobre o exame, que mandou proceder da sobredita medição do Engenheiro Rivierre, põem fóra de toda duvida: de que a dita demarcação prejudicou na realidade, desmembrando nos fundos da propriedade de Sallentien & Gaetner terras legitimamente possuidas pelos mesmos Snrs., e que por isso Peticionarios como allegão, se achão com toda a plenitude no direito de requererem e de obter indemnização, de igual superficie de terras, como a da parte, pela medição de Rivierre desmembrada do conjuncto de sua legal propriedade.

Resta-me pois de levar ao conhecimento de V^a Ex^a. sómente uma informação circumstanciada sobre as occurencias do lugar em que Sallentien e Gaertner requerem a sua indemnização. — Elles a pedem:

ou pela restituição e reintrega das mesmas terras cortadas por Rivierre

ou Como na sua Petição dizem e propoem na immediata contiguidade ao lado do Sul de sua antiga Estrema DE em todo o correr desta linha sem interrupção, cuja linha DE limitou seu territorio, com que já a annos são estabelecidos.

Acho esse pedido, muito natural, e justo afim de que seu Estabelecimento não soffra maiores prejuizos ou estorvos no seu progresso por uma incravação de terras a outro proprietario, o que interrompia necessaria e nocivamente a Unidade integra do seu Estabelecimento.

Em 30 de Outubro p.p. e com data 27 do mesmo mez do anno corrente recebi à meu pedido de Sallentien uma Copia do Mappa do seu territorio, digo, terreno.

Constando-me porem que Francisco Fernando Teichmann tivesse requerido nas vizinhanças de Sallentien & Gaertner terras de valuta a comprar do Governo, pedi amigavelmente a Teichmann, para melhor orientar a minha informação a V^a. Ex^a., vista dos seus papeis a respeito (dos quaes até então nada sabia), e n'elles vi:

que em 15 de Agosto de 1861 Teichmann tinha requerido ao Governo a compra de terras de 1000 braças de frente com 500 braças de fundo no lugar chamado Endoenças e que conforme ao Despacho do Exm^o. Snr^o. Presidente Galvão de 28 de Agosto de 1861, informou a Illm^a. Delegacia das Terras Publicas; — e que em consequencia o mesmo Exm^o. Snr. Presidente ordenou por despacho de 14 de Setembro de 1861 que a Municipalidade da Villa de Itajahy mandasse affixar os competentes Editais à respeito.

que em virtude de um Despacho do Exm^o. Snr. Presidente Motta de 3 de janeiro de 1862 foi pela Illm^a. Inspeccão do Thezouro avaliado e estipulado o preço das terras por Teichmann requeridas, e que finalmente por novo Despacho de 24 de janeiro de 1862 determinou o mesmo Exm^o. Snr. Presidente Motta (todos estes despachos são rubricados no mesmo primitivo requerimento de Teichmann) que Teichmann procedesse a medição das terras por elle requeridas no prazo de 2 mezes.

Um segundo requerimento de Teichmann, em que com data de 4 de Agosto de 1862 pede prorogação do prazo anteriormente marcado para sua medição, obteve por Despacho do mesmo Exm^o. Snr. Presidente Motta, datado de 12 do mesmo Agosto, que a Delegacia das terras Publicas informasse, e Sua Ex^a. concedeo em consequencia da informação em 2 de Setembro do corrente anno uma prorogação pedida do prazo da demarcação para 2 mezes.

À vista destes Despachos é incontestavel o direito concedido a Teichmann sobre a compra de terras de 1000 braças de frente com 500 braças de fundo no lugar chamado Endoenças, aonde as requereo, e para onde naturalmente se referem os mesmos Despachos.

Para poder apresentar à V^a. Ex^a. uma orientação clara das localidades, mandei tirar pelo Agrimensor da Colonia um riscunho assaz certo das mesmas, isto é das terras que constituem a propriedade de que tratta o requerimento de Sallentien & Gaertner, a saber de 3000 braças de frente e de 3000 braças de fundo, da linha do Corte que desmembra o 1:393.800 braças calculadas pelo Snr. Juiz Commissario, e da posição topographica das terras, que Teichmann meo. Este riscunho que recebi em 13 de Novembro corrente tenho a honra de submeter como esclarecimento de quanto relato respeitosamente a V^a. Ex^a.

Pela inspeccão deste riscunho V^a. Ex^a. verá que a linha NOS do Corte, que prejudica a propriedade de Sallentien & Gaertner segue de Sul a Norte (ou vice-versa) e percorre a direção de Sul à Norte 2250 braças itinerarias da largura das terras dos Peticionarios, não offendendo os primeiros 750 braças, e que por essa linha, toda a

propriedade antiga, que pertencia antes da venda, que fizêrão à Pedro José Werner aos Snrs. Sallentien & Gaertner e que então constou de 3000 braç. frente e 3000 braças de fundo ficou prejudicada das Parcelas A, B, C desmembradas, que em conjucto perfazem uma superficie de 1:393.800 braças quadradas de prejuizo calculado pelo Snr. Juiz Commissario.

Pela venda que Sallentien & Gaertner fizêrão de 750 braças de frente dos seus 3000 braças na extremidade do norte com os fundos respectivos do seu terreno, à Pedro José Werner, resulta conter a parcella A desmembrada, (mas pertencente a Werner) 791.350 braç. quadradas, que deduzidos dos 1:393.800 braças quadradas do prejuizo total, dão um prejuizo causado pelas desmembrações das parcelas B e C juntas de 602.450 braças quadradas aos Vendedores Sallentien & Gaertner, os quais estão no seu pleno direito de reclamar, salvo que talvez por uma combinação paricular entre o comprador Pedro José Werner e os Vendedores Francisco Sallentien & Reinhold Gaertner deveria cahir toda a desmembração incluída a parcella A para os Vendedores, e neste cazo estes estarião no pleno direito de reclamar uma indemnização de todas as 3 parcelas A, B e C conjunctas a uma Superficie de 1:393.800 braças quadradas, sobre o que, por ignoral-o, nada posso dizer, e menciono sómente essa circumstancia, para evitar futuras duvidas, e para não encahir na falta, de não ter informado com a circumspecção devida.

Pela mesma inspecção do riscunho se ve e resulta outro sim: que Teichmann medio as terras por elle requeridas não decididamente nas Endoenças aonde forão pedidas e concedidas, mas sim abaixo, no Ribeirão do Cedro, cujas agoas se proporcionão para qualquer engenho, até de Serrar Madeiras, que ali se achão em copiosa quantidade, e Sallentien por essa medição teria uma encravamento na indemnização pedida sem interrupção ao longo da linha DE.

Essas circumstancias difficultão a escolha do meio, que não contraria os interessados.

A indemnização que Sallentien pede ao longo da linha DE consistiria da parte DEIL igual a 602.450 braç. 2, que na sua largura cortaria 188 braças da frente de Teichmann, dos quaes esse podia compensar-se prolongando sua frente de T' até L' (veja o terreno de Teichmann) se isso não offende os seus legaes direitos.

Respeitando porem a medição de Teichmann, então consistiria a indemnização de Sallentien & Gaertner das partes DTVM e NEKR conjunctas = 602.450 braç. 2 tendo cada uma destas partes uma largura de 222.1/2 braça, mas nesse caso ficaria a parte NTVR=111.250 braç.2 encravada na indemnização de Sallentien & Gaertner.

(No caso que a indemnização de Sallentien & Gaertner seja de 602.450 braç. 2.)

Se Sallentien & Gaertner porém estejam no seu direito de re-

clamar toda a indemnisação das 3 Parcelas A, B e C no importe total de 1.393.800 braç ² , então podia-se ajuntar nos seus fundos até a linha SON de Rivierre a parcella P	477.750
e ao correr não interrompido da linha DEZ a parte DZXH	916.050

Braças 2 total 1:393.800

em que caso a medição seria assim cortada de Teichmann e devia ser compensada (se isto de direito tiver lugar) pelo equivalente da parte cortada TNab = 119.125 braç.2 na prolongação de sua frente, pela parte T'N'X'H' (veja o terreno de Teichmann), prolongado a frente por T'H' = 238.1/4 braças corridas.

No caso porém que a medição de Teichmann deva prevalecer então a indemnisação total de Sallentien & Gaertner com 1:393.800 braç.2 podia ser composta como antes:

da Parcella P = 477.750, e das Partes Gaertner DTWG e NZYQ cada uma de igual largura de 274 braças; o que importaria a totalidade de 1:393.800 bra.2, ficando assim outra vez inconveniente, que na indemnisação a Sallentien & Gaertner seria incravada a parte TNQW com 274 braç. de um lado e de 500 do outro = 137.000 braç. 2, o que dismancharia a integra unidade de seu territorio.

(No caso que a indemnisação de Sallentien & Gaertner seja de 1:393.800 bra. 2).

São essas pura e simplesmente reflexões, que não ousou commentar e muito menos propor. Relato todas essas indagações de circumstancias e factos, que pude colher, entregando os respeitosa-mente, ao melhor julgamento, alta Justiça e determinação de V^a. Ex^a.

Deos Guarde à V^a. Ex^a.

Illmo. Exm^o. Snr. João Francisco de Souza Coutinho
 Dm^o. Presidente da Provincia de S. Catharina
 O Director da Colonia Brusque no Itajahy mirim
Barão de Schneéburg

A continuidade desta Revista somente
será possível com a ajuda de todos os
brusquenses.

Número 10 — Tiragem de

— 500 exemplares —

Colaboração financeira integral de

Alimentícios RISTOW Ind. e Com. Ltda.

Distribuidora dos produtos Antárctica
EM BRUSQUE

E

Comercial Lumen Celi
de Carmelita Bauer
MÓVEIS

BRUSQUE — Santa Catarina

Comercial Lumen Celi

- DE -
CARMELITA BAUER

Rua João Bauer, 238 Telefone 55-0702
Caixa Postal, 66 Telegr.: « METEL »
Inscr. 250.208.130 — C.G.C. 82.990.045/0001-15

MÓVEIS

Dormitórios - Salas de jantar - Fórmicas - Estofados
Copas - Fogões - Varanda - Cozinha - Camas
turcas - Geladeiras - Máquinas de lavar roupas
Berços para crianças — Guarda roupas
Televisão - Cadeiras de praia

88350 **BRUSQUE** — **Santa Catarina**

Alimentícios RISTOW Ind. e Com. Ltda.

Matriz: Rua Hercilio Luz, 269 — Fone 55-1331
Filial: Rua Humaitá, s/nº — Fone 55-1252
Inscr.: 250.067.030 — C.G.C. 82.983.487/0001-34

Torrefação e Moagem de café

Fábrica de conservas

Comércio atacadista e

Distribuidora dos produtos Antártica

no Vale do Itajaí-Mirim